

PRIMEIROS PASSOS NA MÚSICA CLÁSSICA

PARA QUEM OUVI E PARA QUEM QUER OUVIR



ORQUESTRA
fILARMÔNICA
de MINAS GERAIS

FABIO MECHETTI . diretor artístico e regente titular

O que é, afinal, a "música clássica"?

Para definir exatamente o que é este livrinho, é melhor começar dizendo o que ele não é. Ele não é um manual de instruções, muito menos um guia de música clássica para amantes da música, embora algumas informações úteis possam ser encontradas aqui. Trata-se de algumas reflexões sobre dúvidas muito frequentes, não apenas entre leigos, mas também entre músicos, sobre alguns aspectos daquilo que costumamos chamar de "música clássica".

São reflexões não muito aprofundadas e, para o especialista, alguns conceitos podem parecer insuficientes ou discutíveis. A ele, nosso pedido de desculpas. Mas é bom ressaltar que a nossa ideia é bem intencionada e o nosso objetivo é o de apenas aproximar as pessoas de uma importante e genuína manifestação artística que hoje é patrimônio universal da humanidade: a música clássica. **Queremos encurtar as distâncias que possam existir entre música, músico e ouvinte.**

O uso e a leitura deste livrinho são livres. Embora as informações que traçamos aqui tenham uma sequência intencional, o leitor poderá optar por ler aquelas que lhe pareçam mais interessantes, na ordem que preferir. Afinal de contas, **este livrinho é destinado àqueles que querem ouvir... E para ouvir não é preciso "saber". Basta querer!**

O nosso objetivo é o de apenas aproximar as pessoas da música clássica.



Música clássica, música popular e música erudita

Imagine um sambista tentando explicar para um estrangeiro a diferença entre samba, pagode, samba-enredo, samba-rock, samba-canção, samba de raiz, axé e chorinho...

Faz até pena imaginar o desespero do sambista e a confusão do estrangeiro, justamente porque é muito complicado, em alguns casos, mostrar uma diferença verdadeira e evidente.

Também na música clássica, traçar as linhas de certas noções é tarefa que deixaria qualquer teórico de cabelo em pé, principalmente porque uma noção acaba frequentemente atravessando a outra. Além disso, um termo é muitas vezes usado indistintamente no sentido de outro, e vice-versa. Por exemplo, é muito comum referir-se a um gênero específico de música chamando-o simplesmente "música clássica". Numa situação informal, isso é perfeitamente possível. Numa conversa entre especialistas, porém, isso seria um problema: **para o estudioso da música, aquilo que se chama "música clássica" corresponde à produção musical do Ocidente que vai, aproximadamente, da metade do século VIII até o princípio do século XIX.**

No entanto, a expressão "música clássica" é facilmente entendida em qualquer ponto do Brasil. Dessa forma, vamos usá-la daqui por diante para nos referirmos àquilo que poderíamos também, na maior parte dos casos, chamar de "música erudita", "sinfônica" ou de "concerto".

Música sinfônica, música de concerto, música de câmara, música lírica, música vocal, música instrumental, orquestra sinfônica, orquestra de câmara e quem mais de direito...



Aquilo o que de agora em diante chamaremos genérica e despretensiosamente de “**música clássica**” é, em sua maior parte, uma prática coletiva. No entanto, essa grande produção musical pode adquirir diferentes nomes, de acordo com certos critérios específicos: os instrumentos utilizados, as dimensões do grupo, os gêneros musicais executados e inclusive o ambiente a que se destina.

No entanto, nem mesmo essa nomenclatura é totalmente precisa, e diferentes nomes podem ser atribuídos a um mesmo tipo de prática musical, conforme o critério que se use. **Seria mais ou menos como distinguir entre punk rock, pop rock, rock progressivo, Heavy Metal**, e assim por diante. É lógico que há uma diferença entre esses gêneros, mas, muitas vezes, características de um são incorporadas a outro. Na música clássica, porém, podemos fazer algumas distinções fundamentais:

a) Embora a diferença entre música vocal e música instrumental pareça clara (uma é feita para voz humana e outra, para instrumentos musicais), às vezes algumas obras que deveriam estar entre os gêneros instrumentais fazem também uso de vozes humanas. Da mesma forma, algumas obras consideradas tipicamente vocais são concebidas para voz(es) humana(s) acompanhadas de um instrumento ou de um conjunto instrumental. Se nessa equação entrar o fator “**gênero**”, a música vocal pode ser também chamada “**música lírica**”, como é o caso da ópera. A razão para isso é complexa, mas tem a ver com o fato de que a **ópera, em suas origens, fazia quase sempre referências à poesia e à mitologia greco-romanas.**



b) Se o critério for as dimensões do conjunto musical, podemos fazer uma distinção entre música sinfônica e música de câmara. A primeira é marcada por grupos maiores. A segunda, por sua vez, implica pequenos grupos. Embora a maior parte da música sinfônica e da música de câmara seja puramente instrumental, há casos em que uma e outra também fazem uso das vozes humanas.

c) Também o fator “**espaço**” pode entrar como variável nessa fórmula: a música sinfônica se destina, a princípio, a grandes salas de concerto. **A música de câmara é destinada geralmente a pequenas salas.**

d) Os grupos de câmara, no geral, recebem seus nomes conforme os números de executantes que os constituem: “**duo**”, “**trio**”, “**quarteto**”, “**quinteto**” e assim por diante. A música sinfônica, por sua vez, pressuporia, para a sua execução, a “**orquestra sinfônica**”, (algumas vezes acrescida também de vozes humanas).

e) No entanto, há outra variável: pode haver grupos orquestrais de dimensões reduzidas. Nesse caso, esses grupos poderiam ser chamados de “**orquestras de câmara**”. Muitas vezes essa pequena orquestra pode ser constituída somente por instrumentos de corda. Nesse caso, ela seria chamada de orquestra de cordas, mas nem por isso ela deixaria de ser uma orquestra de câmara.

f) De acordo com seu funcionamento, podemos dizer que a **orquestra sinfônica**, de maiores proporções, **necessita sempre de um regente (o maestro) para conduzi-la.** A orquestra de câmara, nem sempre: isso varia de acordo com a constituição do próprio grupo e com a sua filosofia de trabalho.

*A música sinfônica é marcada por grupos maiores.
A música de câmara implica pequenos grupos.*



A orquestra sinfônica, nome e sobrenome dos seus instrumentos, sua disposição geográfica... e essa enigmática figura que é o maestro!

Já que falamos um pouco sobre a música sinfônica e traçamos algumas linhas gerais sobre os diferentes tipos de orquestra, seria bom, agora, falar um pouco mais calmamente sobre a orquestra sinfônica propriamente dita: como ela se compõe e de que maneira ela funciona, no palco e fora dele.

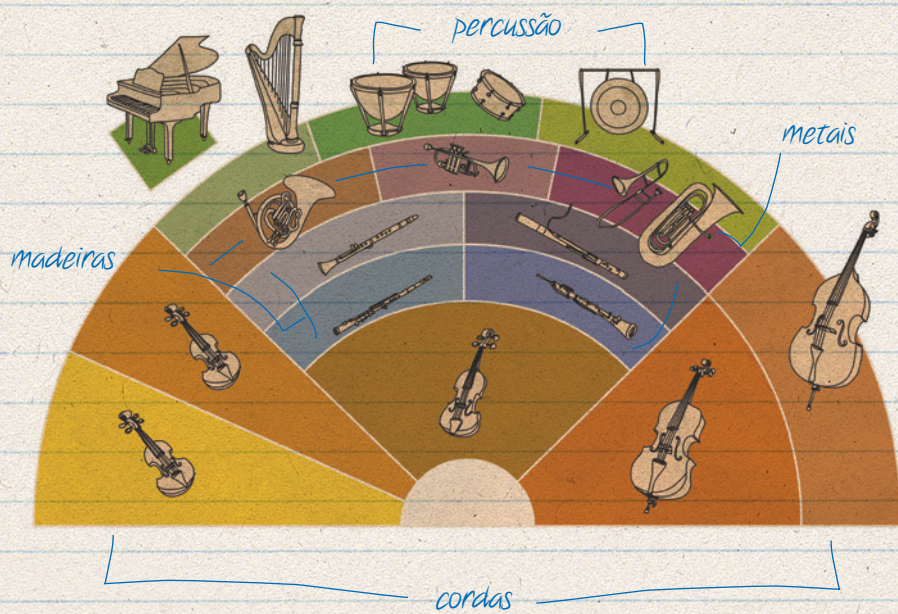
Na verdade, **não há uma formação padronizada para uma orquestra sinfônica**. Seu tamanho, a quantidade de músicos integrantes e os tipos de instrumentos presentes dependerão de pelo menos dois fatores: **a proposta musical da orquestra e o repertório que ela há de executar**. Por exemplo, uma orquestra que queira executar um repertório mais voltado para o século XVIII terá possivelmente menos músicos e uma variedade menor de instrumentos do que uma orquestra que queira executar um repertório mais recente, a partir do fim do século XIX. Além disso, cada compositor se utiliza da configuração da orquestra que lhe seja mais “eficiente” para veicular suas ideias musicais. Assim, **a formação de uma orquestra sinfônica dependerá necessariamente do repertório apresentado**.

Aqui cabe um parêntese para falar um pouco sobre a diferença entre orquestras “sinfônicas” e “filarmônicas”, uma pergunta que aparece em quase todas as conversas sobre música clássica...

Há bastante tempo, sinfônicas eram orquestras mantidas pelo poder público, e filarmônicas, conjuntos mantidos por uma sociedade de amigos admiradores da música. Por isso o prefixo “filo”, que significa amizade. Hoje em dia não existe mais essa diferença, já que praticamente todas as orquestras atuam de uma forma “híbrida”, com recursos privados e públicos. No que diz respeito à formação, quantidade de músicos e instrumentos, elas são iguais. Tanto as orquestras sinfônicas quanto as filarmônicas possuem todas as famílias de instrumentos e são capazes de executar obras de diferentes períodos da história da música clássica.



Há alguns elementos-chave na orquestra sinfônica que podem ser citados. **Curiosamente eles se dividem em famílias e, dentro de cada uma delas, distinguem-se alguns naipes (como as cartas de um baralho)**. Esses naipes se hierarquizam conforme a extensão de seus registros, ou seja, instrumentos de registro agudo, médio ou grave... Em alguns casos, muito agudos ou muito graves. Vamos a esses grupos:



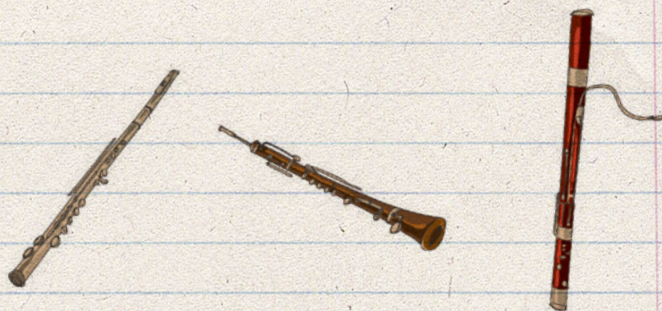
a) Cordas

A família mais evidente, não só porque se posiciona à frente da orquestra, mas porque em geral constitui o maior número de integrantes, é a família das cordas. Do mais agudo, para o mais grave, numa situação padrão, poderíamos observar dois grupos de **violinos** (chamados primeiros e segundo violinos), as **violas**, que têm uma sonoridade um pouco mais grave, os **violoncelos** (ainda mais graves) e os **contrabaixos** (maiores em tamanho e bem mais graves).



b) Madeiras

Em seguida, logo atrás das cordas, está posicionada a família das madeiras. Ela se chama assim por causa do material com que todos os instrumentos eram construídos originalmente. Hoje, porém, o mais agudo desses instrumentos, a **flauta**, é construído totalmente de metal, geralmente prata, platina ou ouro. Por conservar o timbre “amadeirado” e por uma questão de tradição, ela continua pertencendo à família das madeiras. A flauta tem, ela mesma, um naipe próprio: vez por outra é possível encontrar, no seio da orquestra, um **flautim (ou piccolo)**, bem mais agudo, ou uma flauta baixo, que soa bem mais grave que a flauta tradicional. Em seguida, encontram-se os **oboés**. São instrumentos de palheta, com timbre bastante penetrante e um tanto anasalado. Mais graves que eles, mas do mesmo naipe, são os **fagotes**. Vez por outra, porém, encontramos na orquestração um instrumento irmão desses dois, de registro intermediário entre um e outro: o **corne inglês** (é curioso notar que o nome em inglês desse instrumento seja *french horn* – “corne francês”); às vezes encontramos instrumentos ainda mais graves que os fagotes, pertencentes ao mesmo naipe: os **contrafagotes**. Por fim, os **clarinetes**, que também têm seus familiares presentes, conforme a fantasia pessoal de cada compositor: mais aguda que ele é a **requinta** e mais grave, o **clarone**.



c) Metais

Atrás das madeiras estão os metais: o **trompete**, agudo, vivaz e inconfundível, às vezes acompanhado de seu irmão menor, o **trompete piccolo**. Os **trombones**, irmãos mais graves dos trompetes; as **trompas de caça**, instrumentos de origem muito antiga, constituídos de um tubo de metal que, se desenrolado, pode chegar a sete metros de comprimento; às vezes a **tuba**, instrumento de proporções muito grandes e que soa muito grave; ou outros, como o **saxofone** (acompanhado ou não de seus “irmãos”), conforme a imaginação do compositor exija.



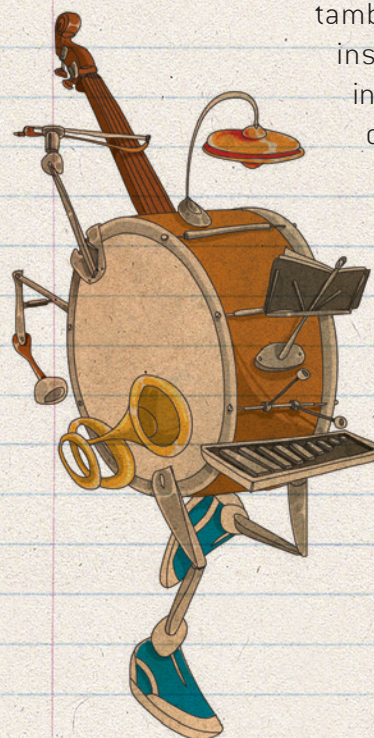
d) Percussão

Em seguida, no lugar que os músicos de orquestra chamam bem humoradamente de “cozinha”, estão os instrumentos de percussão. Estes são muitos e de muitos tipos, desde instrumentos de “teclado”, como a **marimba**, o **xilofone** ou o **metalofone**, até **castanholas**, **chicotes**, **pratos**, **sinos** e tudo mais que se possa bater. Nessa família naípe, têm particular relevância os **tímpanos**, que são **espécies de tambores** que podem ser afinados e que fazem soar, portanto, sons de altura definida.



e) Outros

Por fim, há instrumentos que podem compor determinados grupos **sinfônicos**, mas que não participam necessariamente de nenhuma família: é o caso das **harpas**, por exemplo, que, embora sendo instrumentos de cordas, são dedilhadas; é o caso também do **piano**, do **cravo** e do **órgão**, que são instrumentos de teclado que, vez por outra, incorporam-se à massa orquestral; o mesmo ocorre com a **celesta**, pequeno instrumento de teclado que tem o som semelhante ao de uma caixinha de música.



Uma orquestra, vista dessa maneira, pode parecer uma grande máquina, capaz de ser programada para executar mecanicamente tudo aquilo o que se quiser. No entanto, isso não é bem assim. Fazendo soar cada um dos inúmeros instrumentos está presente uma figura humana, um profissional bem treinado, com ideias artísticas próprias e sensibilidade musical muito desenvolvida. Para que um grande grupo de artistas de tal qualidade funcione harmonicamente é necessário, portanto, que haja algumas regras e que se estabeleça uma hierarquia de cooperação e trabalho.

O Spalla

Por isso, há, à frente de cada naipe, um chefe. À frente de todos os napes, há o Spalla. A palavra, em italiano, quer dizer ombro... Isso porque o Spalla, que é sempre o primeiro violino dos primeiros violinos, é o “ombro” sobre o qual se apoia a “cabeça” da orquestra, que é o regente. O Spalla funciona não apenas como dirigente do naipe das cordas, estabelecendo aspectos técnicos necessários para a execução do repertório, mas tem também a responsabilidade de executar os solos de violino sempre que necessário.

Além disso, ele tem a importantíssima função de “ponte” entre o regente e a própria orquestra. Por isso mesmo, num gesto simbólico, quando o regente cumprimenta o Spalla, ao sair do palco ou ao entrar nele, é à orquestra que ele está cumprimentando. Ao lado do Spalla, ocupando o lugar de segundo violino dos primeiros violinos, está o **Concertino**. Trata-se de uma espécie de “vice-presidente” dos músicos da orquestra, com responsabilidades musicais, técnicas e administrativas também muito grandes.



O Spalla tem também a responsabilidade de executar os solos de violino.

Bastidores da Orquestra

Como numa escola, uma orquestra tem também um disciplinário, o inspetor, que cuida para que os músicos possam se portar adequadamente (inclusive no vestir) e que reporta as irregularidades ao gerente ou ao diretor artístico.

Há os **montadores**, que se ocupam de organizar as estantes e as partituras em seus devidos lugares, na ordem adequada para os ensaios e para as apresentações públicas, além de organizar a disposição de alguns instrumentos no palco, dentre outras necessidades logísticas. Há os **arquivistas**, que se ocupam do acervo de partituras da orquestra... E há o **gerente**, que é o comandante desse importantíssimo trabalho de bastidores, além de se ocupar de outras funções, sem o que os artistas não poderiam exercer plenamente seu ofício.



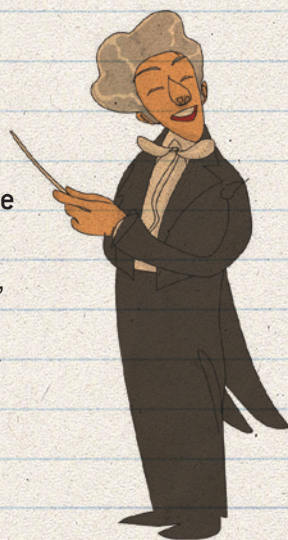
O Maestro

À frente de todo esse aparato humano está a enigmática figura do Maestro. Envoltos em mistério, sempre dotados de personalidade forte, necessária a qualquer cargo de liderança, sem eles a orquestra sinfônica não passaria de um grande aparato humano incapaz de organizar-se artisticamente. **É a personalidade artística do Maestro que define a concepção estética e interpretativa do repertório executado...** Por isso, cada gesto que o Maestro faz à frente da orquestra tem um significado perfeitamente inteligível para o músico, que lhe responde, executando determinado trecho de uma maneira ou de outra.

A ele é confiada a responsabilidade da própria execução, que é o objetivo máximo e fundamental de qualquer orquestra. A ele cabe indicar o momento que cada instrumento – ou naípe – inicia sua execução, conduzir determinadas passagens problemáticas, indicar o andamento, o caráter e as diretrizes fundamentais de cada trecho musical, sem que, com isso, se percam as qualidades artísticas individuais de cada músico, que, afinal de contas, também é artista.

Num plano mais espiritual, por assim dizer, o maestro é o congregador de várias personalidades artísticas distintas, que, juntas, têm um propósito comum e essencial: **fazer viver a obra musical, que é o fim único de cada músico que compõe a orquestra.**

A personalidade forte, por vezes temperamental, de todo maestro precisa ser capaz de reunir essa grande diversidade de temperamentos artísticos num conjunto bem unido, que é a própria orquestra.



Cada gesto que o Maestro faz à frente da Orquestra tem um significado perfeitamente inteligível para o músico.

O concerto, seus aparatos e a sua etiqueta... ou como fazer a coisa certa!

O concerto é a finalidade e a apoteose de toda orquestra: é para isso que ela existe, vive, trabalha e funciona. Afinal de contas, a função do músico é fazer música! O concerto é, para a orquestra, o que o show é para a banda de rock, o desfile é para a escola de samba e o jogo é para o time de futebol. Assim como no show, no desfile ou no jogo, ele é cercado de um aparato próprio e de normas de conduta que fazem parte do seu jeito de ser.

Antes de tudo, um concerto é como um pacto, um acordo: os músicos se comprometem a tocar; quem vai a um concerto se compromete a ouvir. Sem essa predisposição inicial, não pode haver concerto... Muito menos show, jogo ou desfile...

Para cada caso, porém, há uma espécie de ritual: por exemplo, se, num jogo de futebol, depois de fazer o impossível seu time acaba marcando um gol, seria no mínimo muito esquisito se o torcedor batesse palmas e gritasse “bravo!”. Da mesma forma, seria esquisito se, num show de rock o “fã” ficasse assentado todo o tempo, sem dançar, às vezes gritar, cantar ou manifestar-se com todo o corpo. Num concerto de música clássica, algumas atitudes também podem parecer esquisitas por não corresponderem ao pacto que se estabelece entre músico e ouvinte: aí, diferente de outras situações, o fundamental é deixar-se envolver e encantar pela música que está sendo feita.



Eis, portanto, o significado dos aplausos: **quando o músico entra no palco e a plateia aplaude, isso quer dizer mais ou menos o seguinte: “por favor, vamos começar?”** O músico (ou, no caso da orquestra sinfônica, o Maestro, representando todos os músicos), com um leve aceno de cabeça ou uma inclinação do corpo, responde: “Claro! Estou aqui para isso e vou fazer o melhor que puder!”. A música começa e o ouvinte se entrega a ela. **Ao final, de novo o ouvinte aplaude, como que dizendo: “muito obrigado!”** Ao que o músico (ou o Maestro), com outro aceno, lhe responde: “Espero realmente que você tenha gostado...” Se o ouvinte resolve aplaudir de pé, é porque ele realmente gostou!

Assoviar, grunhir ou gritar histericamente numa situação de tamanha intimidade e compromisso mútuo seriam atitudes que representariam uma ofensa para o músico de um concerto de música clássica. No entanto, os gritos e os gestos corporais, num show de rock ou num jogo de futebol, assim como levantar-se e sambar num desfile de escola de samba, significam o mesmo que os aplausos para um concerto de música clássica.

Um concerto começa bem antes de se assentar na cadeira e de se aplaudir o músico. Antes de entrar na sala do teatro, todos recebem um programa. Trata-se de um “cardápio”, como se fosse um jantar *à la carte*. Num jantar *à la carte*, pode-se pedir o que quiser, dentro do rol apresentado pelo restaurante. Num jantar *à francesa*, porém, o cardápio é apenas um anúncio daquilo o que vai ser servido. **Esse é o sentido do programa: mostrar qual será o repertório daquela apresentação**, além de dar algumas informações ou fazer comentários gerais sobre as obras e os músicos que se apresentarão.

Dentre essas informações estão os títulos das obras e seus **“movimentos”**. Quer dizer, há obras que se constituem de diversas partes, cada uma com um título ou uma caracterização diferente. Cada uma dessas partes se chama movimento, e eles são indicados no programa. **Entre um movimento e outro há um breve intervalo. Nesses momentos, não deve haver aplausos... Afinal de contas, trata-se da mesma obra.**

Munido do programa, o ouvinte entra na sala, encontra sua poltrona e aguarda. A partir daí começa o ritual: desde as luzes que diminuem até a entrada dos músicos, tudo é uma grande celebração! Para ela, como para toda celebração ou para todo ritual, há certas normas de **“etiqueta”**...

*Antes de entrar na sala do teatro,
todos recebem um programa. Trata-se
de um “cardápio”.*





O espaço da música é o silêncio.

O interessante é que a maior parte dessas normas diz respeito ao silêncio. Esse “fenômeno” que hoje é raro – especialmente nas grandes cidades – é uma condição essencial para que a música clássica aconteça. Sem o silêncio, ela define e morre. Bem, aí vão algumas dessas regras:

- a) **Não há roupa certa para se ir a um concerto**, do mesmo modo que não há roupa certa para se ir a uma festa, um show ou uma peça de teatro. Sugere-se, no entanto, o uso de roupas confortáveis para que você se sinta bem durante a apresentação, mas que, ao mesmo tempo, demonstrem respeito pela *performance* dos músicos. Afinal, eles estão de casaca!
- b) **A música é uma espécie de ilha entre silêncios**: se você quer realmente ouvir, é preciso dar espaço para a música acontecer...
- c) Se você foi a um concerto acompanhado de alguém e tem muito assunto para colocar em dia, lembre-se, porém, do seguinte: a maior parte das pessoas está ali para ouvir música... Como já dissemos antes, a música precisa do silêncio para viver e **uma sala de concerto não é o local mais adequado para se conversar**.

d) **Pior ainda do que ter que ouvir a conversa alheia é ouvir o toque desesperado de um celular quebrando todo o encantamento da música que já iniciou, que “acabou de acabar”, ou que está para começar. Além de trazer constrangimentos para quem recebe a chamada, tira a concentração de todos e rompe a magia e a cumplicidade daquele “pacto” a que nos referimos antes.**

e) **Você está com uma tosse complicada ou uma crise de rinite.** Ou, então, você tem algum tipo de alergia e lugares fechados com ar condicionado lhe provocam tosse e outras reações desagradáveis... É claro que, num concerto, há alternativas para isso. É quase uma questão de bom senso: **um local mais perto das portas de saída caso haja uma crise de tosse, pastilhas de menta e um lenço para abafar o ruído da tosse...**



Pior é ouvir o toque desesperado de um celular quebrando todo o encantamento da música que já iniciou.

f) Se você acha que a peça acabou, mas não tem certeza... Se acha que o silêncio foi sinal de que tudo terminou, mas não tem certeza... Se acha que aí caberiam uns aplausos, mas não tem certeza, ESPERE MAIS UM POUCO!!! Faça como no trânsito: **na dúvida, não aplauda!**



*Se você acha que a peça acabou, mas não tem certeza,
ESPERE MAIS UM POUCO!!!
Na dúvida, não aplauda!*

g) A propósito, como já dissemos, há obras divididas em mais de um movimento... Entre um e outro, não se aplaude: trata-se ainda da mesma obra. Basta conferir no programa...

h) Se você vai levar seus filhos a um concerto, procure ficar perto da porta de saída, para evitar problemas caso eles se tornem muito inquietos.

i) Se você chegou com o espetáculo já iniciado, o ideal seria aguardar pertinho da porta até os próximos aplausos (ou pelo menos até o pequeno intervalo entre um movimento e outro) para procurar o seu lugar.

Todas essas normas de conduta (algumas das quais não se aplicam somente ao concerto de música clássica) não são exatamente leis cujas infrações sejam passíveis de penalidades, mas somente coordenadas para que se possa fruir e aproveitar melhor da música clássica. **Esse gênero musical constitui uma assinatura da Humanidade, e quem se dispõe a ouvi-lo, dispõe-se, na verdade, a encontrar-se a si próprio.**

Caro Leitor,

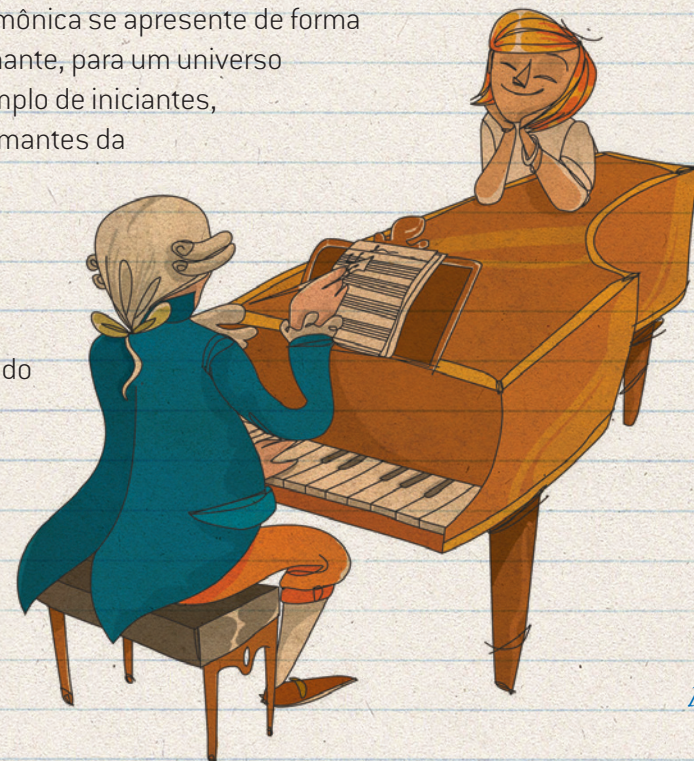
Esperamos que agora, depois destes que podem ter sido seus primeiros passos na música clássica, você compartilhe conosco a ideia que pauta a existência da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais: a música não tem restrições ou pré-requisitos; ela é para todos.

A generosidade talvez seja sua principal qualidade como expressão artística: não é preciso conhecimento técnico ou teórico para se emocionar. Basta um pouco de sensibilidade e de abertura para que a música possa nos conduzir a outros espaços. A música clássica é excelente exemplo disso: ao longo de séculos, pelas mãos de compositores, regentes e instrumentistas, temos sido democraticamente convidados a experimentá-la.

Nós, da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais, trabalhamos diariamente para que todos tenham a oportunidade de se encantar por esse que é um dos maiores patrimônios da humanidade. Criada em 2008, a Filarmônica desenvolve um trabalho incessante em busca de excelência artística, levando a música clássica a todos os mineiros, nas mais diversas regiões de Minas Gerais.

Para permitir uma gestão ágil, transparente e, sobretudo, responsável, o Governo de Minas assinou um termo de parceria com o Instituto Cultural Filarmônica, uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) que tem por objetivo garantir as condições para que a Orquestra Filarmônica se apresente de forma vibrante, apaixonante, para um universo cada vez mais amplo de iniciantes, interessados e amantes da música clássica.

Esse é o nosso compromisso. E é, também, o convite que nós, do Instituto Cultural Filarmônica, fazemos a você.



ORQUESTRA FILARMÔNICA DE MINAS GERAIS

Diretor Artístico e Regente Titular: FABIO MECHETTI
Regente Associado: MARCOS ARAKAKI

PRIMEIROS VIOLINOS

Anthony Flint (*spalla*)
Rommel Fernandes (concertino)
Ana Zivkovic
Arthur Vieira Terto
Bojana Pantovic
Dante Bertolino
Eliseu Martins de Barros
Hyu-Kyung Jung
Marcio Ceconello
Mateus Freire
Megumi Tokosumi
Rodrigo Bustamante
Rodrigo Monteiro
Rodrigo de Oliveira

SEGUNDOS VIOLINOS

Frank Haemmer *
Leonidas Cáceres **
Gláucia Borges
Jovana Trifunovic
Leonardo Ottoni
Luka Milanovic
Marija Mihajlovic
Martha de Moura Pacífico
Radmila Bocev
Rodolfo Toffolo
Tiago Ellwanger
Valentina Gostilovitch

VIOLAS

João Carlos Ferreira *
Roberto Papi **
Cleusa de Sana Nébias
Flávia Motta
Gerry Varona
Gilberto Paganini
Marcelo Nébias
Nathan Medina
Katarzyna Druzd
William Barros

VIOLONCELOS

Elise Pittenger ***
Camila Pacífico
Camilla Ribeiro
Eduardo Swerts
Lina Radovanovic
Matthew Ryan-Kelzenberg
Robson Fonseca

CONTRABAIXOS

Colin Chatfield *
Nilson Bellotto **
Brian Fountain
Hector Manuel Espinosa
Marcelo Cunha
Pablo Guíñez
William Brichetto

FLAUTAS

Cássia Lima *
Renata Xavier **
Alexandre Braga
Elena Suchkova

OBOÉS

Alexandre Barros *
Ravi Shankar **
Israel Silas Muniz
Moisés Pena

CLARINETES

Marcus Julius Lander *
Jonatas Bueno **
Ney Campos Franco
Alexandre Silva

FAGOTES

Catherine Carignan *
Andrew Huntriss
Cláudio de Freitas

TROMPAS

Alma Maria Liebrecht *
Evgueni Gerassimov **
Gustavo Garcia Trindade
José Francisco dos Santos
Lucas Filho
Fabio Ogata

TROMPETES

Marlon Humphreys *
Érico Fonseca **
Daniel Leal

TROMBONES

Mark John Mulley *
Wagner Mayer **
Renato Lisboa

TUBA

Eleilton Cruz *

TÍMPANOS

Patrício Hernández Pradenas *

PERCUSSÃO

Rafael Alberto *
Daniel Lemos **
Werner Silveira
Sérgio Aluotto

HARPA

Giselle Boeters *

TECLADOS

Ayumi Shigeta *

GERENTE

Jussan Fernandes

INSPETORA

Karolina Lima

ASSISTENTE ADMINISTRATIVO

Débora Vieira

ARQUIVISTA

Sergio Almeida

ASSISTENTES

Ana Lúcia Kobayashi
Claudio Starlino
Jônatas Reis

MONTADORES

Igor Araujo
Jussan Meireles
Risbleiz Aguiar

INSTITUTO CULTURAL FILARMÔNICA

CONSELHO ADMINISTRATIVO

Presidente Emérito

Jacques Schwartzman

Presidente

Roberto Mário Soares

Conselheiros

Berenice Menegale, Bruno Volpini,
Celina Szrvinsk, Fernando de Almeida,
Ítalo Gaetani, Marco Antônio Drumond,
Marco Antônio Pepino, Marcus Vinicius
Salum, Maurício Freire, Octávio Elísio,
Paulo Paiva, Paulo Brant, Sérgio Pena

DIRETORIA EXECUTIVA

Diretor Presidente

Diomar Silveira

Diretora administrativo-financeira

Márcia Cristina de Almeida

Diretora de Comunicação

Jacqueline Guimarães Ferreira

Diretora de Marketing e Projetos

Zilka Caribé

Diretor de Produção Musical

Marcos Souza

EQUIPE TÉCNICA

Gerente de Comunicação

Merrina Godinho Delgado

Gerente de Produção Musical

Claudia da Silva Guimarães

Assessora de Programação Musical

Carolina Debrot

Produtores Felipe Renault, Luis Otávio

Amorim, Narren Felipe

Analistas de Comunicação

Andréa Mendes / Imprensa

Marciana Toledo / Publicidade

Mariana Garcia / Multimídia

Renata Romeiro / Design gráfico

Analista de Marketing de Relacionamento

Mônica Moreira

Analista de Marketing e Projetos

Mariana Theodorica

Assistente de Comunicação

Renata Gibson

EQUIPE ADMINISTRATIVA

Analista Administrativo Eliana Salazar

Analista Contábil Graziela Coelho

Analista Financeiro Thais Boaventura

Analista de Recursos Humanos

Quêzia Macedo Silva

Secretárias Executivas

Flaviana Mendes, Luiza Fonseca

Auxiliares Administrativos Cristiane Reis,

João Paulo de Oliveira, Vivian Figueiredo

Recepcionista Lizonete Prates Siqueira

Auxiliares de Serviços Gerais

Ailda Conceição, Claudia Cristina Sanches

Mensageiros Jeferson Silva, Pablo Faria

Menor Aprendiz Pedro Almeida

Consultora de programa

Berenice Menegale

Texto © Copyright 2012 by Moacyr Laterza Filho

Ilustrações © Copyright 2012 by Pedro Hamdan

Coordenação editorial: Fernando Lara

Revisão: Merrina Godinho Delgado

Catálogo na Publicação (CIP)

Laterza Filho, Moacyr

L351 Primeiros passos na música clássica para quem ouve e para quem quer ouvir

/ Moacyr Laterza Filho, ilustrado por Pedro Hamdan. - Belo Horizonte : [Instituto Cultural Filarmônica], 2012. (Coleção Concertos Didáticos Orquestra Filarmônica de Minas Gerais)
24 p. il. color.

ISBN 978-85-66451-01-6

1. Música – instrução e estudo 2. Música clássica I. Hamdan, Pedro II. Título III. Série

CDD: 780.15

Bibliotecária responsável: Cleide A. Fernandes CRB6/2334

ORQUESTRA
FILARMÔNICA
de MINAS GERAIS
FABIO MECHETTI - diretor artístico e regente titular

Rua Paraíba, 330 | 12º andar | Funcionários
Belo Horizonte - MG - CEP 30130-917
Tel 31 3219-9000 - Fax 31 3219-9030
contato@filarmonica.art.br
www.filarmonica.art.br



Realização



CULTURA